

Desenvolvimento humano e “a cruel pedagogia do vírus”

ALVARO MARCEL PALOMO ALVES*

Resumo: a pandemia do SARS COV-2 que se abateu sobre os países impactou a vida de bilhões de pessoas, trazendo incertezas e desencadeando o mais variado tipo de reações psicossociais. Neste artigo, procuraremos debater o ensaio escrito pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos intitulado “A cruel pedagogia do vírus” à luz das contribuições da psicologia sócio-histórica. Procuramos compreender o que a pandemia possibilita de aprendizado sobre o funcionamento da sociedade e das variadas emoções que compõem nossa relação com as pessoas e as instituições. A partir da compreensão sócio-histórica de desenvolvimento humano, apontamos para a necessária crítica do conceito de tempo histórico e seu impacto no desenvolvimento humano.

Palavras-chave: psicologia social; emoções; pandemia do SARS COV-2; materialismo histórico.

Human development and “the cruel pedagogy of the virus”

Abstract: the SARS COV-2 pandemic that hit countries has impacted the lives of billions of people, bringing uncertainty and triggering the most varied type of psychosocial reactions. In this article, we will try to discuss the essay written by the Portuguese sociologist Boaventura de Sousa Santos entitled “The cruel pedagogy of the virus” in the light of the contributions of socio-historical psychology. We seek to understand what the pandemic allows for learning about the functioning of society and the various emotions that make up our relationship with people and institutions. From the socio-historical understanding of human development, we point to the necessary criticism of the concept of historical time and its impact on human development.

Key words: social psychology; emotions; SARS COV-2 pandemic; historical materialism.



* ALVARO MARCEL PALOMO ALVES é Mestre em Psicologia da Infância e Adolescência (UFPR), Doutor em Psicologia e Sociedade (FCL/UNESP), Professor-Adjunto na UEM.

Introdução

A pandemia que se abateu sobre o planeta em 2020 trouxe inúmeras angústias para boa parcela da população mundial, deixando atrás de si um rastro de mortes, empobrecimento e incertezas. Mas a chamada “crise” que abalou o planeta não foi uma criação do novo coronavírus, pois já vinha se apresentando na forma de crises econômicas, ambientais (inseparáveis das econômicas), de saúde, educação, emprego.

Na tentativa de evidenciar justamente o caráter sistêmico da crise que vivemos, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos se pôs a refletir sobre o impacto da pandemia nos diversos espaços públicos e privados, demonstrando que o que a crise sanitária nos aponta é o agravamento de problemas historicamente não solucionados. Utilizando o pequeno texto do autor português, propomos um diálogo seu com a psicologia sócio-histórica, de cunho materialista dialético, onde procuramos refletir sobre o impacto da pandemia do novo coronavírus sobre o desenvolvimento humano.

Num primeiro momento vamos repassar a “pedagogia do vírus”, como exposta por Santos (2020) e na sequência apresentar os conceitos de tempo histórico, desenvolvimento humano e vivência, como expostos pela psicologia sócio-histórica.

A concepção de “pedagogia do vírus”, é uma provocação do seu autor na tentativa de mostrar quais lições podem ser tiradas da pandemia e suas consequências políticas, econômicas, ambientais e comportamentais. Poderia a crise instaurada nos ensinar algo? Em caso positivo, quais lições podem ser tiradas? Em primeiro lugar, Santos (2020) aponta que a crise já estava instaurada de forma

permanente, não é obra de um vírus. O capitalismo surgiu e se consolidou tendo como aliados o colonialismo e o patriarcado, estas formas objetivas de dominação estão longe de serem extintas. Ao contrário, durante a pandemia e seu distanciamento social forçado, tivemos mais e mais notícias de violências contra imigrantes, mulheres e crianças.

Para sustentar sua posição, o autor relaciona este ser invisível (o vírus), a outros dois seres também invisíveis: deus e os mercados. Cada um teria seu espaço de acolhimento, sendo insidiosos e imprevisíveis em suas mutações. Os mercados teriam espaços que começaram a se desenvolver no século XIX, mas encontraram no séc. XX seu maior espaço de acolhimento: a bolsa de valores. As semelhanças entre os seres invisíveis acabam aí, pois os mercados, em sua sede infinita por acumular riqueza, se tornam onipresentes na vida humana. O capitalismo financeiro ou monopolista, se consolidou no início do século XX, quando houve uma espécie de concentração de riquezas nas mãos de poucas empresas através do mercado de capitais. Esta fase do capitalismo gerou também uma profunda relação entre empresas e bancos, fazendo que algumas empresas se tornassem transnacionais ou multinacionais, tornando as economias nacionais reféns de monopólios.

Tentando demonstrar como o sistema capitalista se articula com as formas de poder, Santos (2020) apresenta uma analogia do atravessamento entre capitalismo, colonialismo e patriarcado com a fábula do unicórnio criada por Leonardo da Vinci:

O unicórnio, através da sua intemperança e incapacidade de se dominar, e devido ao deleite que as donzelas lhe proporcionam, esquece a sua ferocidade e selvageria. Ele

põe de parte a desconfiança, aproxima-se da donzela sentada e adormece no seu regaço. Assim os caçadores conseguem caçá-lo. (SANTOS, 2020, p.01)

Argumenta que tal como o mítico animal, os mercados, o patriarcalismo e o colonialismo se converteram em seres todo poderosos que só podem ser vencidos quando confrontados com seus pontos fracos. A dissimulação faz com que só os enxerguemos nas suas expressões ferozes e dominadores, aparentemente indomáveis. No dia a dia passam como invisíveis, determinando as vidas singulares em seus múltiplos atravessamentos. Mas eis que na pandemia do novo coronavírus, as sociedades se deparam com esse inimigo invisível, o vírus, que é capaz de alterar a rotina diária das famílias, paralisar a produção, esvaziar os templos religiosos e escolas. Os unicórnios, aparentemente encurralados, demonstram toda sua força e violência na era pandêmica, e cabe a nós termos a astúcia de identificá-los para domá-los, tal qual na alegoria de Da Vinci.

Para tirarmos os unicórnios de sua invisibilidade, é preciso compreender o mecanismo que cega a população, impedindo-a de observar e identificar a dominação. Este mecanismo é conhecido nas ciências sociais e foi amplamente debatido por autores contemporâneos (marxistas, estruturalistas, frankfurtianos), trata-se da ideologia. Por um intrincado sistema de regras, valores, representações, hábitos, a realidade do capitalismo, do patriarcado e do colonialismo é silenciada e apresentada a nós como naturais. Em seu artigo, Santos (2020) não cita a ideologia como responsável pela alienação, ao contrário, prefere termos mais neutros:

Esse sentido comum é evidente e é contraditório ao mesmo tempo. Todos os seres humanos são iguais

(afirma o capitalismo); mas, como há diferenças naturais entre eles, a igualdade entre inferiores não pode coincidir com a igualdade entre os superiores (afirmam o colonialismo e o patriarcado). Este sentido comum é antigo e foi debatido por Aristóteles, mas só a partir do século XVII entrou na vida das pessoas comuns, primeiro na Europa e depois em todo o mundo.

A crise desencadeada pela pandemia não é nova e também deve ser entendida como parte do sistema capitalista, já afetado em seus lucros antes da descoberta do novo coronavírus. Autores como Antunes (2019) e Ouriques (2020), apontam que a degradação das leis trabalhistas, a diminuição do protagonismo sindical e a ascensão de governos liberais em países como o Brasil já previam um ataque do capital sobre os trabalhadores visando salvar seus lucros nas economias centrais e periféricas. A vida da classe trabalhadora que já vinha se degradando, encontra na pandemia um cenário de desemprego, precarização e insegurança.

Mas durante a pandemia, alguns grupos de pessoas sofrem mais que outros, pois estes grupos já enfrentavam dificuldades no mundo pré-pandemia: mulheres, negros(as), pessoas com deficiência, trabalhadores(as) intermitentes, população LGBTQI+ e imigrantes. O colonialismo e o patriarcado, que tal qual o unicórnio se apresentam invisíveis e indomados, estão sempre à espreita, esperando a oportunidade de garantir os lucros do capitalismo. Santos (2020) argumenta que as profissões destinadas aos cuidados de pacientes acometidos por covid-19 são majoritariamente femininas (enfermagem, assistência social, cuidadoras), o que acaba impedindo essas mesmas mulheres de cuidarem de si ou da família, já que se encontram cuidando das famílias alheias.

Trabalhadores intermitentes também acabam servindo e levando alimentos, bens de consumo, medicamentos, compras de mercado em geral, além de serviços de transporte pessoal. Entregadores de aplicativos, motoristas de aplicativos, que também precisam optar, ou morrem de vírus ou de fome. Dados apresentados pelo autor, apontam que somente na América Latina o mercado informal absorve 50% da mão-de-obra, pessoas que trabalham dia a dia, sem seguro ou previdência social que lhes possa salvar em caso de queda no rendimento: “o que significa a quarentena para trabalhadores que ganham dia-a-dia para viverem dia-a-dia?” (SANTOS, 2020, p. 16).

Ao discutir as condições de vida dos grupos acima, o autor usa o termo “sul” como referência sócio-política, uma espécie de valorização (ou revalorização) dos saberes populares e locais, algo semelhante ao realizado pelo próprio Santos em outras obras (SANTOS, 1988; SANTOS & MENESES, 2009). Ampliando o argumento do entrelaçamento entre capitalismo, colonialismo e patriarcalismo, aponta para um futuro de destruição do planeta em que vivemos, marcado pelo desemprego em massa, surgimento de novas pandemias associadas à destruição do ecossistema e degradação das condições de subsistência. Tais condições elevarão o número de esfomeados, imigrantes, criminosos e despossuídos, moradores de rua ou em favelas e em campos de refugiados; assim, a pandemia só torna a visibilidade destes seres mais aguda:

Mas o elenco seleccionado mostra duas coisas. Por um lado, ao contrário do que é veiculado pelos média e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a

exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele (SANTOS, 2020, p. 21).

Fechando esta primeira parte do ensaio, o autor nos alerta para as necessárias lições a serem aprendidas na pandemia do novo coronavírus. Se conseguirmos aprender que a crise já se avolumava sobre o planeta e a pandemia apenas intensifica processos de degradação já em andamento, podemos fazer tal qual o caçador que astutamente compreende a fraqueza do unicórnio e o vence.

As lições que Santos (2020) aponta, envolvem a intenção dos meios de comunicação de massa em tentarem criar realidades, disseminando ideologias e elegendo elementos da vida social que interessam aos grandes grupos detentores do capital. Deste modo, os *mass media* elegem como foco a crise desencadeada pelo vírus, fazendo a sociedade crer que resolvido e controlada a doença, podemos voltar à vida normal, como se a crise não fosse sistêmica e não degradasse a vida humana e não-humana a passos largos. Num artigo de anos atrás, Sanfelice (1996) também se propunha a discutir o conceito de crise da educação a partir de ideia semelhante à de Santos (op. Cit.): “[...] quando uma sociedade tem em suas dimensões as características tão gerais de uma dita crise, isto realmente pode ser chamado de crise?”. (SANFELICE, 1996, p. 6). O argumento do educador brasileiro é de que a suposta crise da educação não pode ser resolvida dentro do sistema capitalista, pois este se alimenta das crises em sua sede por reprodução e acumulação.

A segunda lição que a pandemia nos mostra é decorrente da primeira: a covid-

19 não mata de forma tão indiscriminada quanto a mídia possa transparecer. O grupo composto por idosos, pobres, negros, refugiados e imigrantes morre mais porque a doença se agrava em condições de baixo saneamento básico, de pouca cobertura de saúde pública e alimentação deficitária. Estas condições geram baixa imunidade e resistência à doenças, além de pouco acesso a tratamentos medicamentosos e UTIs com respiradores (item bastante disputado por países no início da pandemia¹). O acesso a saúde de qualidade não é universal, mas depende da classe social que o indivíduo pertença. Além disso, as profissões menos remuneradas e na base da pirâmide social são aquelas que menos podem realizar *home office* e distanciamento social. Nas economias periféricas como o Brasil, foi cena comum nos primeiros meses da pandemia a classe trabalhadora abarrotar ônibus, trens e metrô para seu deslocamento ao trabalho. Setores estratégicos de geração de lucro como fábricas, tiveram sua rotina pouco afetada durante a pandemia. Quem sai para morrer é a classe trabalhadora, sobretudo a menos remunerada (VARGAS, 2020; LEAL, 2020).

Sem mencionar a palavra “socialismo”, Santos (2020) fala acerca da terceira lição deixada pela pandemia: “O capitalismo poderá subsistir como um dos modelos econômicos de produção, distribuição e consumo entre outros, mas não como único e muito menos como o que dita a lógica da ação do Estado e da sociedade” (SANTOS, 2020, p. 24). Citando a versão neoliberal do capitalismo pós-queda do muro de Berlim, este nos diz que essa versão hegemônica do capitalismo arrastou

milhões para a extrema pobreza e conduziu o planeta a colapsar, com índices muito ruins de desmatamento, poluição e destruição dos ecossistemas. Este modelo (representado pelo desmonte das políticas públicas no governo Thatcher dos anos 1980, na Inglaterra), coloca de lado a proteção social básica, gerando inúmeras privatizações e a transferência de recursos públicos para a iniciativa privada. Apoiando-se nos primeiros resultados de enfrentamento à covid-19, Santos (2020) argumenta que os países onde o ideal neoliberal tem menos força, conseguiram lidar melhor com a pandemia (China, Taiwan, Coreia do Sul, entre outros):

E chegamos aos nossos dias com os Estados sem capacidade efetiva para responderem eficazmente à crise humanitária que se abateu sobre os seus cidadãos. A fractura entre a economia da saúde e a saúde pública não podia ser maior (SANTOS, 2020, p. 25).

Conclui que após a pandemia o futuro será de políticas de austeridade mais rígidas por parte dos países, que, endividados, jogarão a conta para a população desassistida. Os bancos estimulam os países a contraírem dívidas para fazer frente à pandemia e o cenário de crise econômica não desaparecerá com a superação desta pandemia, que aliás, segundo a Organização Mundial da Saúde, não será a última nesta década (OMS, 2020).

As últimas três lições realçadas por Boaventura se configuram mais como uma aspiração ou desejo sociológico, do que baseadas em evidências. A pandemia realça a fragilidade das políticas capitalistas neoliberais e demonstra a

1

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/05/guerra-entre-paises-por->

respiradores-mecanicos-e-producao-nacional-insuficiente-sao-entrave-para-o-combate-ao-coronavirus-no-brasil.ghtml

necessidade de políticas públicas de saúde, educação, assistência social e infraestrutura. A extrema direita, que saiu vencedora em várias eleições ao redor do mundo, falhou mais que governos de esquerda ou de centro-direita na contenção e enfrentamento do novo coronavírus. Estas versões de extrema-direita, associados a setores ultraconservadores (religiosos), diminuíram o impacto da nova doença, criaram divergência entre a comunidade científica e setores estratégicos no controle epidemiológico e usaram a pandemia para chicana política (SANTOS, 2020). Com a ideia de “salvar a economia”, demoraram para tomar medidas de isolamento social, colocando em risco grande parte da população, principalmente a classe trabalhadora com menores salários².

Por fim, Santos (2020), defende que existem três reguladores nas sociedades modernas: O Estado, os mercados e a comunidade. Desde o final dos anos 1970, os países teriam dado maior prioridade ao princípio do mercado, do estado mínimo e da ideologia liberal na condução das decisões governamentais. O autor português acredita que uma lição que precisa ser tirada da pandemia é que as comunidades precisam assumir o protagonismo da vida social e se faz necessário derrotar o capitalismo como visão hegemônica de modo de produção:

As pandemias mostram de maneira cruel como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências. As respostas que os Estados estão a dar à crise variam de Estado para Estado, mas nenhum pode disfarçar a sua incapacidade, a sua falta de previsibilidade em relação a emergências que têm vindo a ser anunciadas como de ocorrência

próxima e muito provável (SANTOS, 2020, p. 28).

O futuro do planeta depende, na leitura do autor, que a sociedade civil organizada abandone a cisão entre processos políticos e processos civilizatórios, promovendo a ideia de que é possível um mundo sem capitalismo, ou ao menos, que outras experiências econômicas possam surgir:

Só com uma nova articulação entre os processos políticos e os processos civilizatórios será possível começar a pensar numa sociedade em que humanidade assuma uma posição mais humilde no planeta que habita. Uma humanidade que se habitue a duas ideias básicas: há muito mais vida no planeta do que a vida humana, já que esta representa apenas 0,01% da vida existente no planeta; a defesa da vida do planeta no seu conjunto é a condição para a continuação da vida da humanidade (SANTOS, 2020, p. 31).

Passemos agora a discutir a concepção sócio-histórica de desenvolvimento humano e possíveis diálogos com a análise de Boaventura de Sousa Santos.

Desenvolvimento humano, psicologia sócio-histórica e a pandemia de 2020

O ano de 2020 está sendo vivenciado de forma intensa pela maioria das pessoas ao redor do planeta. Mas como não acreditamos em uma universalidade abstrata, que coloca todas as pessoas na mesma categoria (humana), sem destacar as mediações e particularidades que definem os sujeitos singulares, apresentaremos algumas problematizações das lições levantadas por Santos (2020) em seu ensaio.

Destacamos que a psicologia sócio-histórica se trata de uma concepção de

² No Brasil, vimos publicamente governadores e presidente da república disputarem os holofotes em busca de audiência com fins eleitorais.

<https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-diz-que-pandemia-esta-acabando-ironiza-prensa-de-doria-para-comprar-vacina-1-24721013>.

psicologia embasada no materialismo histórico e dialético (MHD), sendo desenvolvida no Brasil como uma importante vertente da psicologia social, da psicologia do desenvolvimento e da educação. Tomando o MHD como fundamento epistemológico, esta corrente psicológica enxerga o fenômeno psicológico como concreto e diretamente vinculado à atividade humana. Leontiev (2004, p. 263), assim se expressa sobre a importância da atividade na evolução humana:

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento de suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte.

Como assinalado pelo importante psicólogo russo, a cultura humana não é decorrente da simples evolução biológica, mas da síntese entre o preparo biológico e o social. Isso quer dizer que nossas habilidades não estão em nós desde o nascimento, mas dependem do complexo sistema de atividades em que somos inseridos, criações sociais decorrentes das necessidades humanas em determinado período da história. Cada homem, mulher, indivíduo, deve aprender a ser humano.

Você já deve ter ouvido a expressão: “fulano tem o comércio no sangue, pois é árabe; japonês é mais inteligente e

disciplinado; eu sou muito burro e não consigo aprender nada”. Tais características não são naturais, mas se constroem no indivíduo graças à objetivação (disciplina é somente uma ideia se não colocada em ações) e à internalização (ações dos adultos e pares que deixam o plano social, interpsicológico, e se tornam parte de você, no plano intrapsicológico). Assim, a atividade surge como uma maneira de compreender a dupla característica do psiquismo humano, pois ao mesmo tempo em que é objetivado na forma do trabalho, utiliza-se da internalização para apropriar-se dos bens culturais e sociais.

A atividade é mediada externamente pelos instrumentos técnicos, que são voltados para regular a ação com os objetos (machados, martelos, controles remotos, talheres) e, por outro lado, pelos signos, voltados para regular as ações com o psiquismo, tanto alheio quanto o de si. Portanto, quando falamos em desenvolvimento humano, é imprescindível que falemos de atividade e dos processos de significação que permitem às pessoas se apropriarem das conquistas da humanidade.

A pandemia trouxe uma forma de sociabilidade diferente à muitas pessoas, pois a única forma que os países encontraram para conter a contaminação em massa foi o isolamento e distanciamento social. Nos meses de fevereiro e março acompanhamos estarecidos diante da tevê, a marcha fatal e acelerada do novo coronavírus na China, na Itália e Espanha. Sua letalidade em idosos, a velocidade que se espalhou em grandes centros urbanos e as consequências imediatas: fechamento de escolas, comércios, indústrias. Este cenário alterou significativamente nossa relação com o trabalho e com a família, deixando crianças fora da escola, fechadas (ou não!) em suas casas e

comunidades. Mas como bem lembrou Santos (2020), a pandemia não afeta a todos(as) da mesma forma. Ela foi usada como instrumento de grandes empresários, conglomerados, holdings e Estados para asseverar seus lucros, precarizando o trabalho e a vida de milhões de pessoas (LEAL, 2020).

O tempo histórico é vivido de maneira diferente do tempo cronológico (CAMARGO & CICALLO Jr., 2018). Este, foi criado como necessidade humana de controle dos processos que regem a vida, não são naturais. No mesmo sentido, devemos analisar o desenvolvimento humano como mediado por diferentes atividades desenvolvidas ao longo da existência. Estabelecer relações entre desenvolvimento e tempo cronológico pode ser perigoso e ocultar ideologias que se apresentam como verdades naturais, mas não passam de processos historicamente criados com a finalidade de satisfazer alguma necessidade. Resumidamente, cada período do nosso desenvolvimento é mediado por uma atividade que Leontiev (1988) chamou de “dominante” ou principal. Atentar para a mudança no papel ocupado pela criança nas relações sociais é o ponto de partida para o estudo do desenvolvimento psíquico infantil.

Durante a quarentena tivemos uma mudança brusca na realidade de muitos lares por conta do fechamento das escolas e da publicação de decretos municipais e estaduais alterando a rotina e horários dos trabalhos de pais, mães e familiares. Estas mudanças foram vividas de formas distintas por pessoas de classes sociais diferentes. Mesmo pessoas pertencentes à mesma classe social, tiveram afetadas suas rotinas de maneiras diversas. O tão comentado *home office*, só é possível em uma certa quantidade de atividades laborais, como

as administrativas, as ligadas à docência ou de profissionais liberais. Por outro lado, a classe trabalhadora empregada em fábricas, no comércio e no mercado de aplicativos, viu-se muitas vezes impossibilitada de fazer o necessário isolamento social pregado pela OMS.

Assim, os impactos da pandemia sobre o desenvolvimento dos indivíduos devem ser analisados de acordo com as atividades principais que cada grupo realiza, à prejuízo de considerarmos ações historicamente determinadas como sendo naturais, desumanizando processos marcados pela luta de classes (LEAL, 2020; PAIVA & TAVARES, 2020).

Afetos e vivências: potências na pandemia

Ao encerrarmos este breve artigo, gostaríamos de destacar não apenas a dimensão negativa da pandemia, mas aproveitando a categoria de “sofrimento ético-político” desenvolvido por Sawaia (2001), realçar a potência de criação e tomada de consciência que ela pode nos trazer. As lições apresentadas por Santos (2020), podem aqui, encontrar um espaço de diálogo e ressignificação.

Tomando as contribuições do filósofo Baruch Espinosa e do psicólogo Lev Vigotski, o grupo coordenado pela professora Bader Sawaia empreendeu um interessante projeto durante os meses iniciais da pandemia. Tal projeto intitulado “Expressões da pandemia”, busca entre outras coisas, dar voz à sujeitos “ao sul da quarentena”:

Seria então a covid-19 uma doença causada por um vírus democrático na distribuição dos sofrimentos? A resposta é, sem dúvida, "não". O vírus seria democrático, afetaria a todos igualmente, se os encontros que ele promovesse com nossos corpos não fossem mediados pela

desigualdade social (SAWAIA, 2020, p. 03).

Um dos questionamentos elaborados nos cadernos é acerca dos espaços invisíveis que habitam as cidades e nossos corpos. Um vírus tão pequeno causa um impacto enorme em nossa sociabilidade, afastando-nos de quem amamos, deixando tantas pessoas com medo, tristes, ansiosas e muitas vezes, deprimidas ou desesperadas. Espinosa (2004) nos adverte que somente o conhecimento das causas cria potência de agir e conduzem à liberdade. O sofrimento ético-político apontado por Sawaia (2001) demonstra que não podemos compreender as emoções do ponto de vista do sujeito, mas sim como fenômeno psicossocial.

Seria papel da psicologia social denunciar estas formas de sofrimento desencadeadas pela dimensão político-afetiva dos indivíduos, como por exemplo, a gênese de dois afetos muito estudados por Espinosa (2004): o medo e a esperança. O filósofo holandês dedicou sua vida a pensar como a servidão e a liberdade se relacionam, assim como pensamento, corpo, emoções. Para ele, só se pode ser feliz na liberdade, assim como os afetos tristes conduzem à servidão:

Medo e desespero, esperança e segurança: essa é a constelação que podemos verificar em tempos da pandemia da Covid-19; esses afetos estão presentes conforme a vivência/experiência dos sujeitos em seus territórios - há esperança de poder sobreviver mais um inverno e ver a família, o medo de ter a idade e estar no público de risco; há esperança de ter passado da “curva” de casos, o medo quando verificamos que hoje há mais mortes do que as de ontem, o desespero nos mercados em ver as prateleiras desprovidas de papel higiênico, a

esperança em receber um alimento quando não se tem nada na mesa (BUSARELLO, 2020, p. 08).

Os governos e a mídia também apelam para as emoções, causando mobilização, comoção, estagnação, tristeza, alegria (quando alguém vence a doença), tentando manipular as informações e também confrontar governos quando estes não lhes servem. Buscando conciliar as emoções e o conceito de meio, Vigotski (2018) propõe o conceito de perejivanie (vivência) como a unidade que permite ao sujeito se apropriar de maneira única do meio em que vive. Aqui podemos novamente resgatar uma das lições de Santos (2020), quando diz que a pandemia se apresenta de maneira diversa aos grupos envolvidos, que usando do aporte sócio-histórico, vivenciam a quarentena de maneira distinta a partir da classe social que habitam. Nas palavras do próprio Vigotski (2018, p. 06)

A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência.

Vigotski (2018), aponta para uma unidade afetivo-volitiva que marca o sujeito, diferente da experiência, vivida de forma menos intensa que a vivência. A partir do seu conhecimento de teatro, o autor destaca a dimensão trágica da vida, sendo a vivência o nexos entre experiência e representação. Liberali e Fuga (2018) destacam que o modo como indivíduos vivenciam situações trágicas, podem transformá-los em agentes de mudança social, coadunando com a tese de Espinosa (2004) acima mencionada.

O filósofo nos ensina que o nosso desejo de potência nunca é destruído, mas para sobreviver é preciso que estejamos juntos, ou nos dizeres de Busarello (2020, p. 09): “O remédio para tirar a potência do padecimento é combater os maus encontros e, enquanto não conseguimos, continuemos a unir nossos conatus de forma criativa”.

Precisamos gerar afetos alegres em contraste aos afetos tristes, a pandemia nos mostra que muitos agentes se unem na coletividade gerando potências, criando novas formas de lutar. Assim, entre vivências e experiências vamos juntando os elementos, aprendendo as lições e lutando para que num futuro próximo tenhamos uma sociedade em que os “CNPJ” não fiquem à frente das vidas humanas.

Considerações finais

A partir do desafio proposto pelos programas de pós-graduação em psicologia das universidades UEM, UEL E UNESP/Assis, procuramos debater os impactos da pandemia do novo coronavírus nas subjetividades. Este desafio foi duplo, porque estamos refletindo sobre um fenômeno que vivenciamos, impedidos de qualquer “distanciamento sujeito-objeto”. A psicologia social como uma área interdisciplinar das ciências humanas, busca desde seu nascimento integrar os fenômenos sociais e individuais numa análise funcionalista, estruturalista, dialética ou pós-estruturalista. Neste breve artigo, procuramos usar como disparador de nossa análise o ensaio publicado pelo conhecido sociólogo português Boaventura de Sousa Santos intitulado “A cruel pedagogia do vírus”.

Utilizando a psicologia sócio-histórica como mediadora, procuramos investigar os efeitos da pandemia sobre o desenvolvimento humano e as possíveis

lições retiradas da devastação gerada por ela. Entendendo que a pandemia e a consequente quarentena gerada por ela nos impactaram de forma trágica e dramática, procuramos apresentar os conceitos de vivência em Vigotski (2018) e conatus (ESPINOSA, 2009) como alternativas aos afetos tristes que podem conduzir à servidão. Medo e esperança nos governam de formas próximas e somente nos aproximando de pessoas potentes, guerreiras e sonhadoras, é que encontraremos a força necessária para vislumbrar novos horizontes para a humanidade.

Referências

- BUSARELLO, F. R. Afetos em tempos de pandemia. In: SAWAIA, B. B. (org). **Expressões da pandemia**, v. 01. Nexin, 2020.
- DIAS, S. L. **Introdução às leituras de Lev. S. Vygotski**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.
- ESPINOSA, B. Da origem e da natureza dos afetos. In: ESPINOSA, B. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FARIA, P. M. F & CAMARGO, D. O papel das emoções no desenvolvimento humano. In: DIAS, S. L. **Introdução às leituras de Lev. S. Vygotski**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.
- CICARELLO Jr. I. C. & CAMARGO, D. Tempo histórico: um importante conceito para compreender a concepção Vygotskiana de desenvolvimento humano. In: DIAS, S. L. **Introdução às leituras de Lev. S. Vygotski**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.
- LEAL, E. M. Trabalho e relações de classe em tempos de pandemia. **Tessituras**, v. 08, n. 1, 2020.
- LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1978.
- LEONTIEV, A. N. O desenvolvimento do psiquismo na criança. In: LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1978.
- LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P. A importância do conceito de perejivanie na constituição de agentes transformadores. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v. 35, n. 4, p. 363-373,

Dec. 2018. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2018000400363&lng=en&nrm=iso. Access on 23 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000400004>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **WHO's three messages for UNGA75.** Disponível em <https://www.who.int/news/item/27-01-1442-who-s-three-messages-for-unga75>. Acesso em 22 de novembro de 2020.

PAIVA, B. A. de; TAVARES, E. J. O confronto de projetos societários na América Latina no Século XXI: uma nova guinada do mundo? **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 601-614, Dec. 2020. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802020000300601&lng=en&nrm=iso. Access on 22 Nov. 2020. Epub Oct 16, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p601>.

ROWLING, M. Pandemia pode reverter desenvolvimento humano pela 1ª vez em 30 anos alerta ONU. **Agência Brasil Notícias** [https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-05/pandemia-pode-reverter-desenvolvimento-humano-pela-1a-vez-em-30-anos#:~:text=O%20surto%20do%20novo%20coronav%C3%ADrus,feira%20\(20\)%20em%20relat%C3%B3rio.,](https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-05/pandemia-pode-reverter-desenvolvimento-humano-pela-1a-vez-em-30-anos#:~:text=O%20surto%20do%20novo%20coronav%C3%ADrus,feira%20(20)%20em%20relat%C3%B3rio.,) publicado em 21/05/2020, acessado em 01/10/2020.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 1988.

SANTOS, B. S. & MENESES, M. P. **Epistemologias do sul.** Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, B.S. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Almedina, 2020

SAWAIA, B. B. **As artimanhas da exclusão.** Petrópolis, Vozes, 2001.

VARGAS, I. V. Grandes empresas mudam rotinas para continuar a produção na pandemia. <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/grandes-empresas-mudam-rotinas-para-continuar-a-producao-na-pandemia.shtml>. Publicado em 04/04/2020, acessado em 10/11/2020.

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: A questão do meio na pedagogia. **Sobre os fundamentos da pedagogia.** Trad. Zoia Prestes e Elisabeth Tunes. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

VINHA, M. P.; WELCMAN, M. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia, Lev Semionovich Vigotski. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000400003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 07 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003>.

Recebido em 2020-12-14
Publicado em 2021-02-01